

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Campus Ipiranga

Gilson Ricardo Santos Pereira

**UM NOVO PENTECOSTES NA IGREJA: O CONCÍLIO VATICANO II  
E SEUS DESDOBRAMENTOS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO**

São Paulo - SP

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Campus Ipiranga

Gilson Ricardo Santos Pereira

**UM NOVO PENTECOSTES NA IGREJA: O CONCÍLIO VATICANO II  
E SEUS DESDOBRAMENTOS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Banca Examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, como exigência parcial  
para obtenção do título de Bacharelado em  
Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Pe.  
Dayvid da Silva

São Paulo - SP

2024

Gilson Ricardo Santos Pereira

**UM NOVO PENTECOSTES NA IGREJA: O CONCÍLIO VATICANO II  
E SEUS DESDOBRAMENTOS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

ORIENTADOR: Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva

*Aos meus pais, irmãos, sobrinhos, familiares, amigos, companheiros de seminário, formadores e de modo especial aos meus catequistas e aos irmãos da minha comunidade neocatecumenal que me sustentaram em todo tempo com as suas orações.*

## **AGRADECIMENTOS**

Bendigo a Deus pela sua fidelidade porque dele vieram todos os meios para concluir esta monografia e terminar o curso de Teologia.

Ao Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva, Pela sua pronta colaboração e dedicação no transcurso desta pesquisa, sempre pontual nas considerações e direcionamento para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu reitor Pe. Jose Francisco Vitta, pelas suas exortações para enfrentar as adversidades ao longo da elaboração deste trabalho.

Ao meu vice reitor Pe. Ignacio Torre Júlian, pelo seu encorajamento e contribuição bibliográfica para redação deste trabalho.

Ao meu diretor espiritual Pe. León Enrique Vicedo, pela sua compreensão e palavras de animo que me ajudaram a seguir em frente com essa pesquisa.

A todos os seminaristas que rezaram por mim e me auxiliaram com muita paciência na elaboração desta monografia.

Principalmente a meus familiares, amigos, catequistas e os meus irmãos da minha comunidade catecumenal pelas orações e apoio incondicional na minha formação.

*É Eis por que, na harmonia de todas as línguas, cantavam hinos a Deus, enquanto o Espírito reunia na unidade as raças diferentes e oferecia ao Pai as primícias de todas as nações.*

*(Irineu de Lião)*

## **RESUMO**

O objetivo deste estudo é apresentar e analisar o Concílio Vaticano II como um marco fundamental para a Igreja Católica, comparando-o a um “novo Pentecostes”. Destaca-se a sua relevância na transformação da eclesiologia e na missão da Igreja. O texto explora a significância da Festa de Pentecostes como um símbolo da Nova Aliança, desde as suas origens na tradição judaica até a sua plena manifestação no Cristianismo. O estudo examina os aspectos teológicos da festividade, o impacto do Concílio Vaticano II na Igreja e as consequências na Nova Evangelização após o Concílio, salientando o papel das missões nesse processo.

Palavras-chave: Pentecostes, Shavout, Concílio Vaticano II, Missionariedade, Nova Evangelização.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to present and analyze the Second Vatican Council as a fundamental milestone for the Catholic Church, comparing it to a "new Pentecost". Its relevance to the transformation of ecclesiology and the Church's mission is highlighted. The text explores the significance of the Feast of Pentecost as a symbol of the New Alliance, from its origins in the Jewish tradition to its full manifestation in Christianity. The study examines the theological aspects of the feast, the impact of the Second Vatican Council on the Church and the consequences for the New Evangelization after the Council, highlighting the role of missions in this process.

Keywords: Pentecost, Shavout, Second Vatican Council, Mission, New Evangelization.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AG	Ad Gentes. Decreto sobre a atividade missionário da Igreja.
DAP	Documento de Aparecida.
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.
DSB	Documento do Sínodo dos Bispo.
DSD	Documento de Santo Domingo.
EG	Evangelii Gaudium.
EN	Evangelii Nuntiandi
LG	Lumen Gentium.
RM	Redemptoris Missio.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – O SIGNIFICADO DO PENTECOSTES PARA IGREJA</b> .....	<b>13</b>
1.1 Alguns aspectos do Pentecostes judaico no período do Segundo Templo .....	13
1.2 A plenitude de Pentecostes na Igreja .....	19
<b>CAPÍTULO II – A MISSIONARIEDADE DA IGREJA NO CONCÍLIO VATICANO II</b> .....	<b>25</b>
2.1 O Concílio Vaticano II como “novo Pentecostes” .....	25
2.2 A Missão na Igreja a partir da Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i> .....	30
2.3 O povo de Deus como sinal da missão da Igreja no Mundo .....	34
<b>CAPÍTULO III – OS DESDOBRAMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II NA</b> <b>“NOVA EVANGELIZAÇÃO”</b> .....	<b>39</b>
3.1 O conceito “Nova Evangelização” .....	39
3.2 A Nova Evangelização: sua importância na missão da Igreja .....	43
3.3 Os missionários na Nova Evangelização.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo mostrar o Concílio Vaticano II como um “novo Pentecostes” para Igreja.

Buscando compreender a importância da Festa de Pentecostes para a missão da Igreja, é relevante destacar que, séculos após o Espírito Santo ter descido sobre os Apóstolos, cinquenta dias após a Ressurreição de Cristo, ele pôde novamente soprar sobre a Igreja por meio do Concílio Vaticano II. Esse evento resultou na renovação e redescoberta de uma nova eclesiologia que marcaria a trajetória da Igreja de forma significativa.

Assim, é fundamental ressaltar as origens desta Festa, com raízes na tradição judaica, que encontrou plenitude no Cristianismo e na concretização da Nova Aliança com a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos no Dia de Pentecostes. “É ainda este Espírito que Lucas nos diz ter descido, depois da ascensão do Senhor, sobre os discípulos no dia de Pentecostes, com o poder de introduzir na vida todos os povos e abrir-lhes novo testamento.” ( Irineu de Lyon, 1995, p. 325-326). Da mesma maneira, é confirmado que a Festa de Pentecostes se realiza no Novo Testamento como uma Nova Aliança quando o Espírito Santo desce, permitindo que os apóstolos anunciem o Evangelho de Jesus Cristo a todas as nações do mundo.

Com o intuito mencionado, o caro trabalho foi estruturado em três partes distintas. Em um primeiro momento irá discorre sobre aspectos teológicos da Festa de Pentecostes na tradição Judaica, explorando o seu significado para o povo judeu. Posteriormente, examinaremos como a celebração de Pentecostes adquiriu um novo significado após a Ressurreição de Jesus Cristo na Igreja nascente.

No capítulo seguinte abordará o impacto do Concílio Vaticano II na Igreja, comparando-o a um "novo Pentecostes". Neste sentido, o texto inicia explicando como esse evento influenciou profundamente a eclesiologia e a missão da Igreja. Além disso, será explorada a contribuição da Constituição dogmática *Lumen Gentium* para a redescoberta e renovação da dimensão missionária da Igreja. A seguir, iremos analisar de que maneira a categoria Povo de Deus, estabelecida no Concílio Vaticano II, se tornará um símbolo da presença da Igreja no mundo.

O terceiro capítulo, vamos examinar como se deram os desdobramentos da “Nova Evangelização” a partir do Vaticano II, começando por discutir a origem do conceito de Nova Evangelização na Igreja. Em seguida, iremos realizar um estudo sobre a Nova Evangelização no contexto da missão da Igreja, junto com o papel do missionário e sua contribuição para a Nova Evangelização.

Conclui-se ao longo desta pesquisa, a grande relevância do Concílio Vaticano II como evento eclesial e a razão da comparação desse acontecimento com um “novo Pentecostes” para a Igreja. Isso se dá pela exploração da conexão entre o Concílio Vaticano II e o fenômeno de Pentecostes nas fontes da Igreja primitiva e na tradição do povo de Israel.

## I CAPÍTULO

### O SIGNIFICADO DO PENTECOSTES PARA IGREJA

Neste capítulo, temos como objetivo tratar sobre a Festa de Pentecostes, iniciando com um pequeno estudo sobre tal Festa no período do segundo Templo de Jerusalém que corresponde ao ano 515 a.C. Dando seguimento a este pequeno estudo no primeiro tópico apresentaremos o significado da Festa de Pentecostes e o seu surgimento na história do Povo de Israel, nesse mesmo tópico trataremos o seu significado da Festa para os judaísmo, assim como mostraremos o motivo pelo qual ela foi ganhando outros nomes na história de Israel.

Em seguida faremos em um segundo momento um breve estudo, sobre a Plenitude do significado da Festa de Pentecostes no cristianismo na missão da Igreja nascente. Veremos também de como os padres da Igreja darão grande importância à Festa de Pentecostes nas suas interpretações, explicações e compreensões aos sinais para a história da Igreja.

#### 1.1 Alguns aspectos do Pentecostes judaico no período do Segundo Templo

Na tradição judaica, a celebração de Pentecostes (Shavuot) possui um significado notável, pois ela lembra a eleição que Deus fez com o povo de Israel:

Shavuot, em hebraico, significa “semanas” — é a Festa das semanas. Comemora-se sete semanas depois de Pessach, portanto, contando com dia de Pessach é o quinquagésimo dia: Pente Kostus, conforme era chamado pelos judeus helenistas do Egito. Também possui outros nomes, tais como Hag Ha’ Qatsir, festa da colheita; Hag Ha’ Bicurím, festa das primícias; Zeman Matam Toratenu, o tempo em que nos foi dada a Torá. É celebrada em Israel no dia 6 do mês de Sivan, e na diáspora também no dia 7. (COELHO, 1999, p. 67).

É a partir da Festa de Shavuot que Deus fará uma aliança com povo de Israel, tornando este, uma primícia ao Senhor entre todas as nações da terra, uma condição que perdurará ao longo de sua existência:

Comumente se tem em mente que, para a tradição judaica, a Festa de Shavuot ou Pentecostes é a celebração e memorial de um evento extraordinários acontecido no Sinai ao terceiro mês da saída do Egito (cf. EX 19, 1 -9). Segundo esta concepção, por um lado, encontra-se Deus que se revela a Israel convidando-a se tornar seu povo particular; e por outro Israel que responde acolhendo a Proposta: “*Tudo o que o Senhor falou, nós o faremos e obedecemos*” (Ex 19,8e 24,7). (ARAÚJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 31, 2015).

Considerando a resposta de Israel a Deus sobre a importância da celebração da Festa de Shavuot no judaísmo, ela será celebrada com dois significados, sendo o primeiro deles de caráter agrícola de acordo com Coelho, (1999, p. 67-68), o sentido agrícola, Shavuot é considerada uma festividade que remonta a tempos anteriores à saída dos hebreus do Egito, quando celebravam suas colheitas ao final de cada primavera. Dessa forma, a celebração de Shavuot na esfera agrícola era encarada como uma festa marcada por um caráter jovial. Durante a era do segundo Templo em Jerusalém, ocorria uma peregrinação na qual todos os israelitas tinham a obrigação de apresentar os primeiros frutos de suas colheitas como uma forma de agradecimento a Deus pelas dádivas recebidas na colheita. “Assim, em ação de graças pela colheita realizada na “terra de leite e mel”, os judeus levavam, em peregrinação, os primeiros e melhores frutos colhidos ao Templo de Jerusalém. O trajeto era feito com muita alegria.” (COELHO, 1999, p. 67).

No sentido religioso, a Celebração de Shavuot adquire um novo sentido marcado pela emancipação, tornando-se um povo escolhido e único para Deus. “Pois é a partir de Shavuot que aquele grupo de indivíduos que vagava pelo deserto em busca de uma terra fértil torna-se Israel, um povo único, que rumava à terra prometida para viver conforme os mandamentos e estatutos dados por um Deus que foi livremente acolhido como Senhor.” (COELHO, 1999, p. 68).

Deste modo, a Festa de Shavuot no sentido agrícola aparece como uma das primeiras características dadas à Festa no Antigo Testamento:

No Pentateuco a Festa de Shavuot conserva o caráter agrícola enquanto sofre um aparente processo de historização, apesar de não ser tão claro este processo. Além do mais, os nomes da Festa estão em referência com a fonte escrita do qual provêm. A Festa permanece hoje, para os judeus, com o nome de Festa de Shavuot ou Festa das Semanas. Segundo a concepção agrícola, conclui a colheita dos “Ázimos” (cf. Ex 23,15; 34,18), iniciada com o plantio da cevada e do trigo; e, segundo a concepção histórica, conclui o significado da Páscoa (=saída do Egito e Aliança do Sinai). (ARAUJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p.312-313. 2015).

Conforme Coelho, (1999, p. 69-70), a comemoração de Shavuot ocorre em duas partes que acontece durante a festividade da Páscoa com a saída dos judeus do Egito: a primeira foi a libertação física, escapando do domínio egípcio; a segunda fase foi a libertação espiritual, subindo pelos 49 portões da impureza, abandonando os valores culturais e morais do Egito em favor da fé em Deus. A celebração da primeira fase ocorre durante o Pesah, enquanto a segunda é comemorada em Shavuot, a festa da entrega da Torá. Existe uma incrível harmonia entre

corpo e espírito, que corre em paralelo com a relação entre a terra e seu povo, o solo e o homem. O Pesah marca a chegada da primavera, quando a natureza atinge seu ápice de florescimento e renovação. Shavuot marca a temporada de colheita, quando o trigo se curva sob o peso dos grãos e as árvores se enchem de frutas maduras.

Coelho continua sua explicação do sentido da Festa de Shavuot como o período das primeiras colheitas; o homem vai ao seu pomar e encontra um cacho de uvas maduras, uma romã madura e um figo também maduro. As duas fases da redenção seguem o paralelo das duas estações da natureza. Enquanto a festa de Pesah, na primavera, simboliza a redenção do corpo com seus rebentos novos, ainda não a redenção completa, mas uma redenção inicial e imatura. Por outro lado, a festa de Shavuot, que celebra a colheita dos frutos maduros, representa a etapa mais elevada da redenção espiritual, madura e fecunda, trazendo satisfação, paz e alegria ao homem. Assim é a ordem natural estabelecida por Deus: primeiro as brotações e florescimento, seguidos pelo amadurecimento, culminando no fruto maduro e viçoso. Da mesma forma, a redenção do corpo precede necessariamente a redenção espiritual.

Assim, durante o tempo do Segundo Templo, a contagem para a comemoração de Shavuot começava com a apresentação do primeiro feixe de cevada. Somente após essa apresentação é que se começava os preparativos para a festividade. A contagem do primeiro feixe era crucial para conectar as Festas de Pesah e Shavuot, e durante esse período uma bênção era feita para cada dia até a chegada de Shavuot. “Após o primeiro dia de Pesah, à tarde, que é quando começa o segundo dia da festa, inicia-se a contagem do *'omer* – é o feixe, primícias da colheita da cevada que, na época do Templo, se ofereciam por ocasião da *Pesah*. [...] Uma bênção acompanha, cada tarde, a contagem do *'omer*.” (AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 50).

Com a oração de agradecimento a Deus que era feita pelo início da colheita e a contagem do primeiro feixe para a chegada da festa de Shavuot significado da “contagem reforça o sentido das sete semanas que separam *Pesah* de *Shavuot* e mostra, de certo modo, o vínculo de cumprimento entre as duas festas.” (AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 51). Com a ligação e o cumprimento das sete semanas depois da Pesah, Shavuot alcança o encerramento da Páscoa judaica, ou seja, alcança o fechamento da renovação da Aliança do povo com Deus. Já na tradição oral a festa de Shavuot ganhou o novo significado dado a seu nome:

É significativo que um dos nomes que a tradição oral dá a *Shavuot* seja *'Atseret*, isto é, encerramento, estancamento, conclusão. *Pesah* caminha para *Shavuot*; *Shavuot* é encerramento, conclusão de *Pesah*. O tempo do *'omer* é uma passagem entre as duas festas; o tempo do *'omer* diz da importância da

duração, do valor do tempo, da necessidade de maturação. (AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 51).

Assim, Shavuot se torna uma celebração de encerramento para o povo judeu que tem seu início no período pascal e termina cinquenta dias depois da Festa da Páscoa judaica. O fato de não ter uma data específica para a celebração deste evento, gerou conflitos tanto dentro do judaísmo, entre diferentes grupos, quanto em outras regiões. “Os relatos bíblicos deixaram, assim, dúvidas quanto a fixação exata de uma data para a Festa de Pentecostes estabelecendo conflitos, ao interno de Israel entre os diversos grupos como saduceus, essênios e fariseus e na diáspora.” (ARAÚJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 314. 2015).

Devido aos desentendimentos entre os seguidores das distintas correntes judaicas, não houve consenso sobre a data precisa da Festa de Pentecostes. Sendo assim, eles recorriam às narrativas presentes nos livros do Pentateuco, que apresentam diferentes datas para a celebração desta festividade. “O livro de Números explicita que a festa seja celebrada [...] (Nm 28,26). Os relatos de Êxodo 23 e 34 não oferecem uma data precisa, apenas aproxima a festa do calendário festivo de Israel ao explicitar [...]. O livro do Deuteronômio propõe uma base para fixação de uma data precisa para Pentecostes.” (ARAÚJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 314. 2015).

De acordo com Araújo, para a tradição rabínica a celebração de Pentecostes continua fixada no primeiro dia da semana, como é evidenciado pelos textos da Mishná e do Talmud. Partindo dessa ideia, de acordo com Araújo, devemos considerar que a datação rabínica é influenciada por outros elementos, como o livro de Jubileus. Além disso, a tradição rabínica estabelece Pentecostes entre as duas principais festas de peregrinação de Israel, ou seja, a Páscoa e a Festa das Tendões. Dessa forma, elas fundamentam a data da celebração.

No livro de Levítico, é estabelecido como os israelitas deveriam celebrar a Festa de Shavuot, e explica como seria o rito de preparação para celebração da grande Festa:

A partir do dia seguinte ao sábado, desde o dia em que tiverdes trazido o feixe de apresentação contareis sete semanas completas. Contarei cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado e oferecereis então a Iahweh uma nova oblação. Trareis das vossas habitações o pão para ser oferecido em gesto de apresentação feito em duas partes, de dois décimos de flor de farinha cozida com fermento, como primícias a Iahweh. Oferecereis, além do pão sete cordeiros de um ano, sem defeito, um novilho e dois carneiros como holocausto a Iahweh, acompanhados de uma oblação de uma libação, oferendas queimadas em perfumes de agradável odor a Iahweh. Fareis também com um bode um sacrifício pelo pecado, e com dois cordeiros de um

ano um sacrifício de comunhão. O sacerdote os oferecerá com gesto de apresentação diante de Iahweh, além do pão das primícias. De igual modo os dois cordeiros, pois são coisas santas a Iahweh que pertenceram ao sacerdote. (Lv 23, 15-20).

Como observa-se na citação anterior do livro do Levítico, aparecem dois números. O número sete e o número cinquenta, os quais a tradição judaica têm um significado de grande importância “o número sete refere –se aos dias da criação e o sétimo dia, shabat, ao cumprimento da obra maravilhosa de Deus, que é o seu descanso. [...], o número sete simboliza a plenitude.” (VOLTAGGIO, 2020, p.146. *tradução nossa*).

Outro nome dado à celebração de Shavuot é chamada como Festa das Primícias das colheitas, que atribuiu um sentido agrícola à festividade como vimos anteriormente. Essa festa é também mencionada no livro de Êxodo: “Guardarás a festa da Messe, das primícias dos teus trabalhos de sementeira nos Campos, e a festa da Colheita no fim do ano quando recolheres dos Campos o fruto dos teus trabalhos.” (Ex 23,16).

Com um caráter completamente agrícola Shavuot passa ter uma característica de uma Festa de agradecimento a Deus pelas colheitas dos primeiros frutos, esse gesto era visto como um ato de gratidão, e não uma troca de favores que Israel fazia com Deus:

Essa festa é chamada festa das primícias. Isso significa que, antes que o trigo anual seja utilizado pelo homem, o primeiro produto da nova colheita e o primeiro fruto sejam apresentados como primícias. Com efeito, isso é justo e piedoso, após ter recebido de Deus a prosperidade como o maior dom: não mais usar do alimento mais necessário e, ao mesmo tempo, o mais útil e o mais agradável, bem como não mais apropriar-se dele inteiramente, antes de ter fornecido suas primícias àquele que as fornece. Não significa que se lhe dê algo em troca, porque tudo, riqueza e dons, pertence a ele. (DANIÉLOU, 2013, p. 329-330).

Adentramos em outro aspecto sobre Shavuot, em um sentido religioso que passou a se chamar de Festa do dom da Torá. Talvez este seja o significado de maior relevância para os judeus, pois é na festa do dom Torá que Deus dá ao povo de Israel por meio de Moisés a Lei, e faz com eles uma Aliança que durará por toda as gerações. “Pentecostes, de *festa das primícias*, torna-se assim, por uma integração natural e aprofundamento, *festa da Torá* principalmente para os rabinos e estudiosos do livro sagrado.” (SANTE, 2004, p. 22).

Para os israelitas, deixar o Egito representou uma transformação radical de uma existência de escravidão para uma vida de liberdade na companhia de Deus, que lhes concedeu o maior presente: a Lei, que perdurará ao longo de toda a história do povo de Israel. Este fato os tornou o povo escolhido por Deus, distinto entre todas as nações:

O dom da Torá não é um momento que vem logo após à libertação do Egito (*em primeiro lugar* Deus faz Israel sair e *depois* lhe dá a Torá) mas é sua razão interna, que motiva: Deus os faz sair do Egito *para* fazer-lhe o dom da Torá. O êxodo do Egito não é um fim em si mesmo, mas é ordenado ao Sinai. Nele Israel passa da dependência do faraó à obediência *coram Deo*; do viver para si, que é escravidão, ao viver segundo Deus, que é liberdade; em uma palavra: da escravidão ao serviço. (SANTE, 2004, p. 222- 223).

Quando a Lei é entregue ao povo de Israel acontece é algo extraordinário na história desse povo escolhido, já que eles vão guardar esse dia em que foi entregue a Torá por toda a sua vida. Na cronologia bíblica os rabinos perceberam que a Lei foi entregue no período da Festa de Shavuot, cinquenta dias depois da Páscoa:

Seguindo a cronologia bíblica, os rabinos observam que a Torá foi dada por Deus no monte Sinai no sexto dia do “terceiro mês”, que precisamente o de Sivan, o que significa que foi exatamente cinquenta dias depois de ter cruzado o mar Vermelho. Na festa de Shavuot ou Pentecostes (segundo o nome grego). Celebra – se a dádiva da Torá que Deus deu a Moisés no Sinai e, por meio dele, ao povo. (VOLTAGGIO, 2020, p. 141).

Assim, ao seguir a tradição rabínica de observar a festa que aconteceu no terceiro mês após a passagem pelo Mar Vermelho, ou seja, cinquenta dias após deixar o Egito, essa contagem culmina na celebração de Pentecostes. Essa festa também é considerada um momento de crescimento espiritual, como mencionado anteriormente, iniciando a contagem a partir do primeiro feixe. “O fato de ser uma festa tardia da tradição oral não diminui em nada sua importância. Muito pelo contrário, é amadurecendo a significação da festa de *Shavuot* no seu vínculo com a *Pesah* que Israel percebe o alcance da festa do dom da Torá.” (AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 54).

Com este significado da Festa de Shavout com a da entrega dom da Torá para Israel, a Festa de Pentecostes ganha ainda uma importância maior para a tradição judaica e se torna algo maravilhoso que relembra a Aliança de Deus com esse povo. E podemos dizer que a Torá é de estimada importância e fundamental na vida de Israel, pois remete a eles dois sentidos na tradição judaica “a Torá, no sentido estrito, significa o Pentateuco; no sentido lato, abrange toda a Escritura e, além disso, toda a tradição.” (AVRIL; MAISONNEUVE, 1997, p. 54)

Há dois sentidos sobre o significado da Torá para os judeus: a seriedade e o significado da festa na tradição oral. A tradição judaica faz uma analogia dos mandamentos da Lei na Festa do dom da Torá, para mostrar que todos os povos estão unidos à Lei dada por Deus. Para

explicar a analogia é usando como exemplo os membros do corpo humano e os dias do ano que são divididos em positivo e negativo:

A tradição oral especificou 613 mandamentos. Costuma-se dividi-los em 248 mandamentos positivos (“farás”) e 365 negativos (“não farás”): 248 correspondem aos membros do corpo humano, 365 aos dias do ano. Através destas cifras simbólicas, pretende -se dizer que toda pessoa, no seu espaço e tempo, tem ligações com o cumprimento dos mandamentos. (AVRIL; MAISONNEUVE. 1997, p. 54)

O livro de Rute demonstra como essa analogia simbólica se concretiza em outros povos além de Israel, ao narrar a história dessa personagem que, apesar de não ser israelita, é considerada um modelo de fidelidade à Torá por sua ligação com o Povo de Israel. Mesmo não fazendo parte da Aliança, Rute desperta o sentimento de solidariedade para com o próximo, exemplificando que a Torá é universal e destinada a todos os povos. “Mas o essencial é talvez isto: Rute não é um comentário, mas um testemunho da Torá vivida naquilo que possui de mais importante: o amor, a bondade, a humildade. Depreende –se deste fato que o livro de *Rute* transcende Israel e se dirige principalmente às nações.” (AVRIL; MAISONNEUVE. 1997, p. 60).

Portanto, a celebração de Shavuot é de grande significado para Israel, uma vez que é através dela que Israel estabelece uma aliança com Deus por meio da entrega da lei. Essa aliança perdurará também em um contexto agrícola, conforme observamos ao longo do texto, e é nesses dois contextos que se complementarão no Cristianismo, com a renovação da Aliança em Jesus Cristo.

## **1.2 A plenitude de Pentecostes na Igreja**

O ápice do Pentecostes na Igreja ocorrerá com a renovação da Aliança, este fato acontecerá durante a peregrinação de todo o povo de Israel ao Templo de Jerusalém para a festividade de Shavuot. E é durante o período da Festa que Cristo ressuscitado aparece aos Apóstolos e envia sobre eles o Espírito Santo, quando estavam todos reunidos em Jerusalém para celebração da Festa judaica:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como agitar-se de um mesmo vendável impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que

pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. Com o ruído que se produziu a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma. (At. 2, 1-6).

A narrativa presente no livro dos Atos dos Apóstolos retrata a Festa de Pentecostes como um momento em que se concretiza a plenitude da Festa de Shavuot do Antigo Testamento, conferindo, assim, um novo significado à celebração no Novo Testamento:

O quinquagésimo a partir da ressurreição, dia que para nós brilhou naquele no qual teve sua origem, e que contém em si grandes mistérios tanto da antiga como nova economia. Neles se manifesta com muita clareza que a graça foi preanunciada pela lei e que a lei recebeu sua plenitude pela graça. Na realidade, assim como cinquenta dias depois da imolação do cordeiro foi entregue em outro tempo a lei, no Monte Sinai, ao povo hebreu, libertados dos egípcios, da mesma forma, após a paixão de Cristo na qual foi degolado o verdadeiro cordeiro de Deus, cinquenta dias depois da ressurreição desceu o Espírito Santo sobre os apóstolos e sobre os grupos dos crentes, a fim que facilmente o cristão conheça atento que os começos do Antigo Testamento serviram de base para os primeiros passos do Evangelho, e que a segunda Aliança foi selada pelo mesmo Espírito que tinha instituído a primeira. (SÃO LEÃO MAGNO, apud BONDAN, 2016, p. 362).

Portanto, a Festa de Pentecostes se estende no cristianismo devido aos simbolismos dos números judaicos terem seu significado plenamente realizados no mistério pascal de Jesus Cristo. Esses simbolismos numéricos possuem grande relevância para o cristianismo, uma vez que encontram seu cumprimento em Jesus Cristo. “Quarenta e nove dias (sete dias, sete semanas), ao qual foi adicionado um dia, o número cinquenta. É, portanto, a festa ligada ao cumprimento. Na tradição bíblica, o número sete vezes indica plenitude, portanto, Pentecostes representa a plenitude total.” (VOLTAGGIO, 2020, p. 145).

Voltaggio, (2020, p. 145), também afirma que o número sete é multiplicado por sete vezes sete é igual a quarenta e nove e acrescenta mais um que é dia do repouso dará cinquenta que é o símbolo de Pentecostes. Isso tem grande importância na liturgia cristã: o Pentecostes representa, para os seguidores de Cristo, a consumação de toda a obra redentora realizada por Deus. A celebração do Pentecostes cristão marca a outorga do Espírito Santo aos fiéis e a interiorização da Lei de Deus em seus corações. Por meio desse acontecimento, Deus renova aos crentes o mistério da existência. Esse conceito é fundamental na liturgia cristã. Adicionalmente, cada celebração da Eucaristia para os cristãos representa a vivência do

mistério pascal de Jesus Cristo, que abarca sua paixão, morte, ressurreição, ascensão e o envio do Espírito Santo.

Muitos Padres da Igreja se debruçam em apresentar como estes simbolismos da Festa de Pentecostes judaica se completam em Jesus Cristo, um deles é Cirilo de Alexandria que explica de dois modos:

No primeiro comentário nos leva a *Números* 28, 26-31 “No dia das primícias (*nova*) oferecereis a Iahweh uma oblação nova na festa das semanas” ora, Cirilo comenta assim esse texto: “Nós diremos que é o mistério da Ressurreição do Senhor que a festa das primícias figura. Com efeito, é no Cristo que a natureza humana floresceu de novo, tendo então eliminado a corrupção e rejeitado a vetustez do pecado”. Destarte, aparece claramente que para Cirilo o conteúdo da festa de Pentecostes é a Ressurreição. De outra forma, ele mesmo explica a respeito, comparando a festa da Páscoa com a de Pentecostes. (CIRILO DE ALEXANDRIA, *apud* DANIÉLOU, 2013, p. 330).

Como acabamos de verificar na afirmação, para Cirilo de Alexandria a plenitude principal da Festa de Pentecostes se dá na Ressurreição de Jesus Cristo, é a partir da sua Ressurreição que Cristo renova toda a humanidade através do fruto do Espírito Santo que é dado a todos através do Batismo. Por essa razão, Cristo é visto como uma oblação oferecida a Deus por toda a humanidade. Dentro desse cenário da Ressurreição de Cristo, Basílio e Atanásio ressaltam a relevância da celebração de Pentecostes como um símbolo da ressurreição. De acordo com Daniélou:

Para Basílio, como para Atanásio, Pentecoste figura a Ressurreição. E ele figura a Ressurreição porque é o oitavo dia. Com efeito, segundo o raciocínio de Basílio, ele consiste na repetição, durante sete vezes sete dias, do primeiro dia que inaugura, que é um domingo e que é também o oitavo. Pentecostes aparece como constituído por cinquenta domingo (DANIÉLOU, 2013, p. 336).

Assim, a partir das interpretações dos Padres da Igreja sobre a dimensão da Plenitude de Pentecostes através da Ressurreição, surge também, nesse cenário festivo, o domingo como o oitavo dia, simbolizado pela Ressurreição de Cristo. Segundo Santo Agostinho, ao adotarmos essa abordagem, compreendemos por que o Dia de Pentecostes é celebrado no primeiro dia da semana. “Retornando ao seu ponto de partida que é o oitavo dia, o qual é também o primeiro, ele termina a cinquentena; esses cinquenta dias são celebrados após a Ressurreição do Salvador em figura doravante, não de trabalho, mas de repouso e de Alegria.” (DANIÉLOU, 2013, p. 337).

A festa de Pentecostes foi considerada um momento de grande alegria e uma metáfora da eternidade em todas as representações simbólicas que os Padres da Igreja atribuíram a ela. Nos primeiros tempos da Igreja, a festa de Pentecostes se estendia ao longo dos cinquenta dias que sucediam a ressurreição de Cristo. Durante o período pascal, era vedado aos cristãos qualquer tentativa de jejum ou prática ato de penitência.

Na igreja antiga, não era apenas o quinquagésimo dia que era importante, mas toda a quinquagésima Páscoa. Nesse tempo da cinquentena estava proibido jejuar ou ficar triste, sendo necessário rezar e assistir à liturgia em pé, como sinal da ressurreição. Os dias da quinquagésima Páscoa são celebrados com único dia. Assim, por um lado, os cinquenta dias da Páscoa são um só dia e, por outro, sem Pentecostes o mistério Pascal não se completa: por isso o ápice do mistério Pascal é de toda a história da salvação. (VOLTAGGIO, 2020, p. 147).

Assim, com a celebração da Festa de Pentecostes, encerra-se para a Igreja o período pascal com o cumprimento da promessa e sua plena realização através da vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos. É nesse cenário que nasce a missão universal da Igreja de proclamar e evangelizar todas as nações. “A primeira *ekklesia* (Igreja), que é fruto da manifestação de Pentecostes. Essa Igreja é a comunidade de Jerusalém, um grupo judeu-cristão. O relato do Pentecostes foi efetivamente composto à luz da subsequente consciência da missão universal da Igreja e de sua extensão aos gentios.” (MCKENZIE, 1993, p. 659).

Como isso a festa de Pentecostes na Igreja primitiva é celebrada com base na tradição judaica que somente “a partir do IV século, desenvolve – se uma tendência nova, que vai distribuir a única festa do único mistério em festas múltiplas unidas a episódios particulares. O dia da Páscoa está ligado à Ressurreição, o quadragésimo dia à ascensão, o quinquagésimo à efusão do Espírito.” (DANIÉLOU, 2013, p. 327).

Assim, a festa da Ascensão que começa ser celebrada como uma única Festa a partir do século IV, que se torna em uma preparação para a vinda do Espírito Santo. “Pentecostes é o mistério pascal na sua totalidade; apresentação do feixe sobre o altar figura a Ascensão pela qual o Cristo, primogênito de humanidade ressuscitado, está para sempre presente diante do Pai para interceder por nós.” (DANIÉLOU, 2013, p. 331). O foco central da plenitude de Pentecostes está em ser o cumprimento total do Mistério Pascal de Cristo. Assim, desde os primórdios da Igreja, a festa passou a ser conhecida pelo termo grego “*pentēkostá*” que se refere ao quinquagésimo dia mencionado nas escrituras do Novo Testamento. “O nome propriamente dito “Pentecostes” aparecerá somente em ambiente cristão, conforme indica o livro dos Atos

dos Apóstolos e 1Coríntios.” (ARAUJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes., Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 313. 2015).

Ao ser mencionada em grego no começo da missão global da Igreja conforme registrada por Lucas e Paulo, a festa de Pentecostes assumiu um significado especial no Novo Testamento: a vinda do Espírito Santo e a concretização da Nova Aliança:

O cristianismo assume a Festa de Pentecostes como memória do Espírito Santo sobre os Apóstolos, conforme é apresentado pela tradição lucana do Livro dos Atos dos Apóstolos e ampliado o seu significado pela Literatura Paulina. Contudo, deve se levar em conta que o Novo Testamento narra três experiências de efusão do Espírito Santo. Duas na Literatura Joanina e uma na Literatura Lucana, que é a festa por excelência. Os três relatos apresentam três imagens vinculadas à pessoa do Espírito Santo, ou seja, água, o vento (sopro) e o fogo. (ARAUJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes. Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 323. 2015).

Partindo dos relatos e as imagens que representam a manifestações do Espírito Santo que aparecem no Novo Testamento conforme Araujo, o livro do Atos dos Apóstolos começa abordando imediatamente a Ascensão, tema esse que encerra o terceiro Evangelho que no decorrer do texto de Atos, há um diálogo entre Jesus e os Apóstolos no qual estes questionam sobre o destino de Israel, ao que Jesus responde que o tempo está nas mãos do Pai e segue adiante, anunciando aos Apóstolos que receberão uma "força" correspondente ao Espírito Santo que virá sobre eles, capacitando-os a ser testemunhas em Jerusalém e em todo o mundo. Com o cumprimento da promessa de Jesus Cristo, de enviar o Paráclito aos Apóstolos, iniciou-se imediatamente a missão da Igreja de propagar o Evangelho por todas as nações e pregando no idioma de cada nação. “O Pentecostes confere aos apóstolos o Espírito Santo e, investidos da força do alto estes também recebem o dom de línguas capacitando-os para a pregação da Boa Nova aos povos de diversas línguas.” (ARAUJO, Gilvan Leite de. A Festa de Shavuot – Pentecostes, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 50, p. 325. 2015).

Assim sendo, a concessão do dom de falar em línguas aos Apóstolos no Pentecostes foi um marco crucial na história da Igreja, pois possibilitou que sua missão se tornasse universal. Esse evento nos auxilia a compreender a importância da Festa de Pentecostes, que marcou o cumprimento pleno da Antiga Aliança pela Igreja e o início de sua missão de evangelização e propagação da mensagem de Cristo a todos os povos:

O Espírito de Deus que se manifestou em Pentecostes não só iluminou aqueles Apóstolos, mas forjou a fogo, no molde da vida de Jesus, a Igreja. Ele é quem permite que a Igreja se mantenha fiel aos ensinamentos do Evangelho. Da

atenta audição à Palavra, do atento olhar à vida de Jesus dependem a continuidade e a permanência da Igreja no mundo. Tanto Israel como a Igreja, legítimas herdeiras da Aliança, portadoras e testemunhas da Revelação Divina à humanidade. Se isso lhes confere honra entre os povos, confere honra entre os povos, confere também o peso da responsabilidade entre todos os povos. (COELHO, 1999, p. 77).

Por fim, vimos que a Festa do Pentecostes judaico teve sua realização plena em Jesus Cristo depois da sua Ressurreição. E que este evento foi fundamental para a missão da Igreja, que se inicia com a vinda do Espírito Santo, concedendo dons aos Apóstolos para que pudessem propagar a Boa Nova e seriam eles os encarregados de transmitir o Espírito Santo a outros. Nos próximos capítulos, veremos como o Espírito Santo renovou e redescobriu a missão da Igreja de anunciar o Evangelho de Cristo a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II e o seus desdobramentos na “Nova Evangelização”. “Espírito vem confirmar o que *Shavuot* deixava pressentir: cumprida por Jesus Cristo, a Torá de Israel é Caminho Verdade e Vida para todos os povos, para todas as nações.” (AVRIL; MAISONNEUVE. 1997, p. 86)

## II CAPÍTULO

### A MISSIONARIEDADE DA IGREJA NO CONCÍLIO VATICANO II

Este capítulo, tem como objetivo mostrar a missionariedade da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, na sua perspectiva de “novo Pentecostes” para a Igreja no mundo atual.

Como foi mencionado anteriormente que a Festa de Pentecostes adquiriu um novo significado para a Tradição cristã da Igreja, depois da Ressurreição de Jesus Cristo ganhando uma força missionaria de anunciar o Evangelho a todas as nações. Tudo isso somente foi possível com o envio do Espírito Santo sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes como já vimos anteriormente.

No presente capítulo, vamos tratar sobre a ocorrência desse “novo Pentecostes” para a Igreja a partir do Concílio Vaticano II, que permitiu a redescoberta do retorno às raízes da Igreja primitiva. Discutiremos também como o Concílio, com auxílio do Espírito Santo, revitalizou a vida da Igreja e promoveu a redescoberta da eclesiologia, transformando integralmente a missão da Igreja.

Neste capítulo, vamos discutir como o Concílio Vaticano II renovou o caráter missionário da Igreja e os resultados provocados pelo Espírito Santo para garantir a continuidade da divulgação do Evangelho de Jesus Cristo a todas as nações nos dias de hoje.

Em seguida, abordaremos um trecho da *Constituição dogmática Lumen Gentium* sobre a missão da Igreja. Esse trecho selecionado será fundamental para nossa compreensão de como a missão da Igreja se manifestou a partir do “novo Pentecostes” e como a Igreja se tornou o sinal tangível da presença do Reino de Deus para todos os povos.

Adicionalmente, em um terceiro momento baseado nos estudos acerca da *Lumen Gentium*, vamos explorar a ideia de Povo de Deus no contexto da missão da Igreja. Destacaremos o papel fundamental da *Lumen Gentium* na compreensão do significado do conceito de Povo de Deus para a continuação da missionariedade da Igreja, a qual está sendo redescoberta em termos de vigor missionário, antes perdido ao longo dos séculos.

#### **2.1 O Concílio Vaticano II como “novo Pentecostes”**

O Concílio Ecumênico Vaticano II representará um momento crucial na trajetória da Igreja, significando, assim, uma redescoberta de um “novo Pentecostes” tanto na vivência quanto nas estruturas eclesiais. Ele trará consigo a renovação e a descoberta de uma nova

compreensão da eclesiologia. Ao rejeitar a concepção de que a Igreja era uma sociedade perfeita e alheia à vida secular, o Vaticano II se propõe a revitalizar a Igreja ao retornar às suas raízes na Igreja primitiva e ao redescobrir uma eclesiologia que enfrentou desafios ao longo dos séculos:

O Concílio Vaticano II foi a primeira ocasião, no longo período de 2000 anos, em que a Igreja parou para refletir sobre si mesma e, mais ainda, para se enxergar através dos olhos do mundo. Desde o século IV, quando, por obra de Constantino, imperador romano, o cristianismo tornou-se religião oficial do Império, a Igreja havia assumido uma postura conflitiva na sua relação com o mundo. (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64 p. 3, 2013).

Diante dos eventos históricos que se desdobraram na Igreja, como acabamos de presenciar na citação, Feller prossegue descrevendo tais acontecimentos que influenciaram a convocação do Concílio Vaticano II:

Na segunda metade do segundo milênio, dos anos 1500 até o Concílio Vaticano II, houve um movimento progressivo de fechamento da Igreja, de enfrentamento da Reforma e do Iluminismo, de distanciamento com relação ao mundo, de oposição entre Igreja e mundo, com a Igreja se afirmando como sociedade perfeita, com leis, estruturas e quadros próprios, em competição com o mundo. (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos: n. 64, p. 32, 2013).

Em todos os eventos históricos na trajetória da Igreja que acabamos de examinar, torna-se evidente que a instituição atravessava uma fase delicada, afastando-se progressivamente de sua missão de propagar o Evangelho de Cristo e de ser um testemunho do Reino de Deus para as nações. É nesse cenário que surge, na Igreja, a notável novidade que irá revitalizar sua concepção eclesiástica. “O Concílio Vaticano II representa um marco para a história do cristianismo. A partir de um olhar de fé e apreço, ele inaugurou uma nova era do Espírito no interior da vida da Igreja e de toda humanidade.” (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 18, 2012).

O Concílio Vaticano II representou uma inovação total para a Igreja, segundo Teixeira e Silva. Eles afirmam que a Igreja procurou uma nova compreensão de sua natureza e missão no mundo, além de promover diálogo e abertura às novas tendências da vida do homem

moderno respondendo suas filosofias e trazendo com sua convocação uma surpresa para o Mundo.

Dessa forma, a Igreja passa por uma renovação em sua compreensão eclesial com o Concílio Vaticano II, resgatando a importância das origens na evangelização, desde os primeiros tempos da missão da Igreja. No entanto, essa renovação da Igreja está fundamentada em três pilares que foram fundamentais para possibilitar a convocação do Concílio:

Fundamentalmente, três aspectos serviram de base para esta convocação: A *vida pastoral da Igreja*, uma maneira de compreender o conjunto de fé e uma abertura ao mundo moderno. A Igreja estava enfrentando muitos problemas referentes à moral e à fé e o evolucionismo pedia mais clareza acerca do sentido da criação, do pecado original, da Escritura etc.[..]. O *ecumenismo*, um convite para a busca da unidade das Igrejas cristãs. Pois o questionamento que se instalava era como manter um relacionamento com os protestantes. [...] E o *aggiornamento*, uma Igreja atenta às vicissitudes do mundo moderno, inserida na atualidade e aberta ao diálogo com o diferente. (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 18, 2012).

Adicionalmente, a Igreja estava lidando com os desafios do período pós-guerra e enfrentando o racionalismo provocado pelas filosofias modernas. Por esse motivo, a convocação do Concílio Ecumênico pelo Papa João XXIII trará de volta à Igreja como um todo a promessa de novos tempos. “É necessário frisar também que o ambiente cultural marcado pelas filosofias modernas do personalismo, do existencialismo, da história, da práxis, pela experiência dramática das duas Grandes Guerras Mundiais, pelo surgimento da ONU.” (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 33, 2013).

Ao longo dos séculos passados, os eventos ocorridos na Igreja exigiram a intervenção do Espírito Santo para instaurar um “novo Pentecostes”, revelado pelo mesmo sopro concedido por Cristo aos Apóstolos após sua ressurreição no Dia de Pentecostes. Assim, foi imprescindível a renovação do sopro do Espírito Santo sobre a Igreja, que ocorreu durante a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II, visando uma redescoberta da Igreja como uma instituição missionária:

Repita-se, assim, na família cristã o espetáculo dos apóstolos reunidos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus aos céus, quando a Igreja nascente se encontrou toda unida em comunhão de pensamento e de oração com Pedro e ao redor de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas. E digno-se o divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra: “Renova em nossos dias como que os prodígios

dum novo Pentecostes, e concede que a Igreja santa, reunida em unânime e mais intensa oração com Maria, Mãe de Jesus, e guiada por Pedro difunda o reino do divino Salvador, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja”. (JOÃO XXIII, 1997, p. 17).

Neste discurso de abertura do Concílio Vaticano II o Papa João XXIII, destaca três pontos que serão essenciais para a realização do Vaticano II:

Em primeiro lugar o papa dirige-se aos profetas que anunciam apenas desgraças, vendo na sociedade contemporânea somente declínio e catástrofes, comportando-se como se não aprendessem nada história. Em segundo lugar, o ponto central do concílio. Não será somente uma discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos pois se supõe que isso já seja bem presente e familiar. [...]. Em terceiro lugar, a Igreja sempre se opôs aos erros; muitas vezes até condenou com maior severidade. (SOUZA, 2020, p. 373).

Desta maneira com a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II pelo Papa João XXII, percebe-se que desde o início desta renovação, é feito um convite a todos os povos a se voltarem as fontes da Igreja primitiva e viverem na unidade através da oração para que todos juntos, possam levar a mensagem do Evangelho de Cristo por meio da redescoberta do Vaticano II. Nota-se que tinha representantes de todas as nações, o que foi de uma grande importância para Igreja:

Os cinco continentes estavam representados. A Europa, absoluta durante a Idade Média, representava pouco menos da metade dos participantes com direito a voto (1.041); o continente americano, que não foi representado em Trento e muito pouco no Vaticano I, havia enviado 956 bispos; a Ásia mais de 300; e a África 379. (SOUZA, 2020, p. 374).

Contudo o Papa Bento XVI em seu discurso ao clero de Roma relata como se encontrava a Igreja antes do Vaticano II. E como o Concílio foi responsável de trazer de volta o Espírito de renovação da Igreja. “Contudo, tinha-se a sensação de que a Igreja não caminhava, ia diminuindo, parecia mais uma realidade do passado que a portadora do futuro. E, naquele momento, esperávamos que esta situação se alterasse, mudasse; que a Igreja fosse de novo força do futuro e força do presente.” (BENTO XVI, 2013, p. 2)

Dessa forma, o Concílio se tornará o grande responsável por resgatar e restabelecer a esperança de promover a renovação na Igreja, que ao longo dos séculos havia perdido sua natureza evangelizadora e missionária. Esse caráter missionário havia sido negligenciado ao

longo do tempo, já que a Igreja estava se esquecendo de sua principal missão de levar o Evangelho a todo o mundo. Com a convocação do Concílio Vaticano II, o sopro do Espírito Santo renovará e dará continuidade à missão da Igreja. “Uma irradiação de luz sobrenatural, uma grande suavidade nos alhos e no coração. E, ao mesmo tempo, um fervor, um grande fervor que se despertou, de repente, em todo mundo, na expectativa da celebração do Concílio.” (JOÃO XXIII, 1997, p. 23).

Assim, o Concílio Ecumênico Vaticano II trará uma renovação completa na postura e atitude da Igreja em relação ao mundo, algo muito aguardado por aqueles que esperavam a renovação da eclesiologia. E é por meio do Vaticano II que a Igreja redescobrirá que o Espírito Santo ecoa e se manifesta nas mudanças do mundo, fazendo florescer novamente a evangelização. “O Concílio Vaticano II apresentou-se, desde o momento da sua celebração, como evento que marcou uma época em que a Igreja refletia sobre si própria, sobre a sua posição e a sua atitude perante o mundo.” (HACKMANN; AMARAL, 2015, p. 32).

Com o impactante marco que representou o Vaticano II e sua transição para uma nova era na história da Igreja, surgiu uma visão diferenciada sobre o futuro da eclesiologia e a maneira pela qual ela se beneficiará da iluminação e da atualização da missão, buscando atrair todos os povos em direção às questões celestiais. “Na verdade, com atualizações oportunas e com prudente coordenação da colaboração mútua, a Igreja conseguirá que os homens, as famílias e os povos voltem realmente a alma para as coisas celestiais.” (JOÃO XXIII, 1997, p. 23).

Por isso, o Concílio Vaticano II terá o papel fundamental de promover em todo o mundo a atualização do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, incentivando a convivência em comunhão e a transformação de todos para a cidade celestial.

A unidade dos cristãos se revelará como uma inovação trazida pelo Concílio Vaticano II, constituindo-se como um elemento fundamental para a Igreja em relação às demais religiões. “O Concílio Ecumênico Vaticano II, que ao mesmo tempo que une as melhores energias da Igreja e se empenha por fazer acolher pelos homens mais favoravelmente o anúncio da salvação, como que prepara e consolida o caminho para aquela unidade do gênero humano.” (JOÃO XXIII, 1997, p. 31).

O Concílio Vaticano II chega em momento crucial na história Igreja, pois ele é voltado para todos os homens que tinham esquecido de como era importante a figura da Igreja para o mundo. E ele convida todos os homens, independentes de sua religião, a recuperar o sentido de Deus na história. “Foi num tempo em que a razão humana pretende exprimir o que é absurdo e

tira toda a esperança; foi num tempo, finalmente, em que as religiões éticas estão sujeitas a perturbações e transformações jamais experimentadas.” (PAULO VI, 1997, p. 665).

Ao trazer essa mudança, o Concílio Ecumênico Vaticano II surgiu como uma inovação para todas as nações, restaurando a dignidade de cada indivíduo e conduzindo-os em direção à luz do Evangelho: “reconhecido ao homem enquanto homem a sua vocação fundamental a tantos direitos e a um destino transcendente; como as suas supremas aspirações à vida, à dignidade da pessoa, à honrada liberdade, à cultura, à renovação da ordem social, à justiça, à paz.” (PAULO VI, 1997, p. 670)

Após a conclusão do Concílio, vê-se uma mudança radical para eclesiologia, dando novo sentido à forma como pensa a Evangelização. De acordo com Valesco:

Não é fácil compreender todo o alcance desta opção conciliar: Em poucas palavras, implica no seguinte: que a mudança histórica desencadeada pelo concílio comporta, ante mais nada, uma “virada copernicana”, na configuração e compreensão da própria Igreja, e uma “virada copernicana” em sua maneira de se relacionar com o mundo (VALESCO, 1996, p. 234).

Pois é a partir desta “virada copernicana” na Igreja que ocorreram interpretações de muitos estudiosos do Concílio de como se daria estas mudanças na vida da Igreja. Estes estudiosos que fizeram suas interpretações sobre a visão que o Concílio iria causar na vida da Igreja. “Perspectiva, acentuaram mais ou menos, segundo os casos, essa descontinuidade. Ela não foi inicialmente vista como problemática, pois a renovação se tinha realizado com o retorno aos Padres e Sagrada Escritura, além de ter em conta as fontes da teologia e da liturgia.” (HACKMANN; AMARAL, 2015, p. 32).

Portanto, o Concílio Ecumênico Vaticano II encerra uma época da história da Igreja, onde ela era vista como sociedade perfeita que estava fora das coisas que acontecia no mundo. Com o Vaticano II começa um processo chamado de “Nova Evangelização” que trabalharemos mais adiante sobre esse tema. Com o “novo Pentecostes” se inicia uma nova época na história da Igreja de redescoberta e renovação da sua missão fazendo uma atualização perante o mundo por meio dos documentos que foram criados no Concílio, e que são fundamentais para a Igreja no novo tempo que ela atravessa. “Mas a época histórica que o Vaticano II se propôs a encerrar está definitivamente encerrada, e a nova época que pretendeu abrir continua aí, aberta e cada vez desafiadora neste surpreendente final de milênio.” (VALESCO, 1996, p. 239).

## **2.2 A Missão na Igreja a partir da Constituição dogmática *Lumen Gentium***

Antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja mantinha uma eclesiologia isolada da vida secular, sem interação com o mundo moderno. Ela era vista como uma entidade autossuficiente e distante da vida secular, como mencionado antes. No entanto, o Vaticano II promove uma reviravolta ao provocar a redescoberta de uma nova forma de conceber a eclesiologia. A renovação eclesiástica introduzida pelo Concílio tinha raízes na encíclica do Papa Pio XII, que serviu de alicerce para a elaboração da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Somente com a encíclica *Mystici Corporis Christi*, de Pio XII (1943), que a Igreja supera uma convicção jurídica da sua eclesiologia. Neste documento o papa acentua, principalmente, a comunidade dos batizados como *corpo Místico de Cristo*, que foi um avanço decisivo para renovação da Igreja no Concílio convocado pelo papa João XXIII. Neste sentido a Igreja preparava-se para discutir sua missão entre os pobres e abertura para o mundo secular e não católico. A Igreja redescobria o sentido de sua missão para o mundo, dentro do próprio mundo, na qualidade de *germe e início* do Reino de Deus, assim como apresenta a *Lumen Gentium*. (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 20, 2012).

Assim, surge para a Igreja uma eclesiologia renovada fruto do Concílio Vaticano II a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que será uma redescoberta para Igreja. Esse documento servirá como referência para a elaboração de outras declarações do Concílio Vaticano II:

Todos os temas desenvolvidos nos demais documentos do Concílio Vaticano II, tanto as outras grandes constituições sobre a divina revelação (DV), sobre a divina liturgia (SC) e sobre a relação da Igreja com o mundo contemporâneo (GS), como os decretos sobre o ecumenismo (UR), sobre as Igrejas Orientais (OE), sobre as missões (AG), sobre os bispos (CD), sobre os presbíteros (PO), sobre os religiosos (PC), sobre a formação dos seminários (OT), sobre os leigos (AA), sobre o uso dos meios de comunicação social (IM), e ainda as declarações sobre a educação (GE), sobre a liberdade religiosa (DH) e sobre as grandes religiões (NAe), todos esses temas encontram seu fundamento e razão de ser na *Lumen Gentium* (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium*: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 48, 2013).

Com a renovação da eclesiologia através da *Lumen Gentium*, a Igreja ganha um novo sentido na revelação de Deus perante o mundo. Passando de uma Igreja que tinha uma persuasão jurídica, para uma Igreja que vê o mundo com um lugar onde Deus se revela através da sua criação. “A Igreja, agora, encara o mundo como lugar da auto-comunicação de Deus, lugar onde

Ele se revela e permanece vivo, ao contrário de uma compreensão negativa do mundo, como recinto de impureza e pecado. O mundo é um lugar teológico onde Deus se encontra e habita.” (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 21, 2012).

Assim a Igreja passou ter um papel fundamental no mundo e na vida de cada homem, sendo ela uma luz para todos. Tendo como objetivo a missão de transmitir e levar o reino de Deus a todas as nações. Fazendo com que todos conheçam a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. “Cristo é a luz dos povos. Por isso, este sagrado Concílio, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente que a luz de Cristo, refletida na face da Igreja ilumine todos os homens, anunciando o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16,15).” (LG 1).

Dessa forma, a Igreja se torna sinal da presença de Cristo Para mundo como um sacramento universal para todos. E ela traz como uma única via a unidade e a comunhão com todas as nações, pela via da Trindade. Fazendo com que a sua missão de evangelizar seja como algo urgente “as presentes condições do mundo tornam ainda mais urgente este dever da Igreja, a fim de que todos os homens, hoje mais intimamente ligados por vínculos sociais, técnicos e culturais alcancem também unidade total em Cristo.” (LG 1). Desta maneira, a Igreja dará continuidade a missão de Jesus Cristo no mundo onde a evangelização será redescoberta e renovada com o Concílio. “Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência.” (EN 15). Desde o início, a Igreja tem como vocação testemunhar e difundir o Reino de Deus a toda humanidade. Com o Concílio Vaticano II, essa missão se fundamenta nas raízes da Igreja primitiva:

A Igreja, isto é o reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Princípio e incremento significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e anunciados pelas palavras do Senhor ao falar da sua própria morte na cruz “E eu quando for levantado da terra atrairei todos a mim” (Jo 12,32 gr.). (LG 3).

É um período no qual a missão da Igreja é proclamar e espalhar o Reino de Deus para toda a humanidade. Com o Concílio Vaticano II, essa responsabilidade se baseia nos princípios dos dons dados pelo Espírito Santo. “A Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observado fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a

missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constituiu ela própria na terra o germe e o início deste reino.” (LG 5).

É por esse motivo que a Igreja se torna a mensageira da luz de Cristo para o mundo, transformando completamente a concepção do que significa ser Igreja. Ela é designada pelo próprio Filho de Deus para cumprir sua missão diante de todas as nações, como aconteceu no evento de Pentecostes:

Na manifestação do Pentecostes, *pois no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só espírito*. Por fim, na vida da Igreja, o Pai, no Filho, pelo espírito, sustenta a fé do povo de Deus. Esta fundamentação na Trindade quer dizer que a Igreja é constituída na comunhão (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 20, 2012).

Desta maneira a Igreja é vista com uma única realidade “assembleia visível e comunidade espiritual, Igreja terrestre e Igreja já na posse dos bens celestes, não devem considerar-se como duas realidades, mas constituem uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino.” (LG 8). De tal modo que ela é vista como um mistério de Deus no mundo, ou seja, como um sacramento de salvação para todos. “A Igreja aparece na dimensão da sacramentalidade. O Concílio não pensa em mistério como realidade inacessível de Deus, nem como conjunto de verdades sobrenaturais. Mas como *sacramento*, mostrando a realidade humana de Cristo encarnada na história humana.” (FELLER, Vítor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 41, 2013).

Feller afirma que a sacramentalidade da Igreja só é considerada um sacramento somente quando está unida a Cristo, lembrando sua encarnação histórica na humanidade. Por essa razão todos nós pertencemos ao Corpo de Cristo enquanto ainda peregrinamos na terra, seguindo os passos de Jesus Cristo no meio das tribulações e na perseguição, unindo-nos às suas dores como o corpo à Cabeça. Assim como Jesus Cristo foi enviado pelo Pai para evangelizar, a Igreja também tem como propósito central a salvação dos que sofrem. A Igreja é compreendida como um mistério, não como uma fuga da realidade, mas sim como um comprometimento ainda mais profundo com a vida das pessoas. Em outras palavras, o mistério é entendido como a encarnação de Deus no mundo, sendo a cruz de Jesus a suprema demonstração do amor divino e da revelação de Sua potência.

No entanto, a sacralidade presente na Igreja é viabilizada pelo seu papel de transmitir a ação do Espírito, que estabelece a comunhão com os fiéis batizados. A redescoberta da Igreja enquanto Mistério salvífico só foi possível com o Concílio Vaticano II, que assumiu a missão de difundir os ensinamentos sagrados desta Igreja como um sinal divino para todas as nações:

A Igreja “continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus”, anunciando a paixão e a morte do Senhor, até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). No poder do Senhor ressuscitado encontra a força para vencer, na paciência e na caridade, as própria aflições e dificuldades, internas e exteriores, e para revelar ao mundo, com fidelidade, embora entre sombras, o mistério de Cristo, até que no fim dos tempos ele se manifeste na plenitude de sua luz. (LG 8).

A Igreja com o Concílio Vaticano II será vista primeiramente como uma luz no meio do mundo, intrínseca a seus acontecimentos, e está em constante peregrinação e capaz de estar sempre em diálogo com outras religiões. “Dessa forma, uma Igreja aberta para o mundo é capaz: de dialogar com a pluralidade da cultura, com outras religiões e com as ciências; de identificar os problemas da humanidade e procurar soluções cabíveis, segundo o projeto de Deus para o homem.” (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 25, 2012).

Com isso a *Lumen Gentium* desempenhou um papel fundamental ao apresentar ao mundo uma eclesiologia totalmente renovada que partirá de um constante diálogo com o Mundo. Dessa forma, os dois primeiros capítulos demonstram a união da presença da Igreja como algo visível para o mundo. “Juntando os dois capítulos, há uma sequência de ideias que mostra todos os aspectos fundamentais do ser da Igreja e de sua missão.” (HACKMANN; AMARAL, 2015, p. 158). A Igreja carrega consigo a missão de evangelizar o mundo, através de um povo selecionado que viaja em uma jornada para propagar constantemente a missão de levar a mensagem evangelizadora a todos os povos, convidando-os através do Evangelho a participar deste grande mistério de salvação para a humanidade:

Jesus realiza a restrição expressa de sua preparação a Israel sempre no horizonte de uma *orientação escatológica universal* para todos os homens e povo da terra. Pois, assim como grupo dos discípulos (as), também Israel deve tornar-se, por sua definitiva conversão e renovação, “luz do mundo”, “cidade sobre o monte” amplamente visível (Mt 5,14), para os povos a vejam, por sua vez se convertam e de punham a caminho para se submeterem ao reinado de Deus, tomando para si sua “ordem social” já assumida em Israel (cf. símbolo profético da peregrinação do povo em Mt 8,11). O que com Jesus se começou em Israel precisa, por sua “irradiação” tornar-se realidade universal. Logo que

isso acontece, o Reino de Deus chega à sua configuração consumada. (KEHL, 1997, p. 265).

### 2.3 O povo de Deus como sinal da missão da Igreja no Mundo

Na história da Igreja sempre apareceu a figura de um povo escolhido que é chamado dá continuidade a presença de Deus no meio de outras nações. E é este povo eleito que irá levar a presença de Deus outros povos testemunhando os seus sinais de prodígio na vida daquela nação que não conhecia o nome Deus. E esta missão de ser sinal de Deus aos povos que se deu com os Apóstolos ao serem enviado por Cristo no dia de Pentecostes a anunciar o Reino de Deus todos os povos. “Não se viam como grupo religioso separatista em Israel ou mesmo como nova comunidade religiosa, mas antes como *carne* do povo escatológico de Deus sobre o qual em seu conjunto se derramou o Espírito Santo.” (KEHL, 1997, p. 266).

O Concílio Vaticano II resgatará para Igreja a importância da figura do Povo de Deus e sua missão no mundo como mensageiros do Reino Deus. Em outras palavras o Vaticano II retornará as fontes da Igreja nascente para recuperar a ação missionaria da Igreja de formar para Deus, a partir do Batismo, uma nova categoria que se chamará Povo de Deus:

E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente, manifestando, na própria história do povo, a si mesmo e os desígnios da sua vontade e santificando-o para si. Tudo isto aconteceu como preparação e figura daquela aliança nova e perfeita, que haveria de ser selada em Cristo, e da revelação mais plena que havia de ser comunicada pelo próprio Verbo de Deus, feito carne. (LG 9).

O povo eleito por Deus através do Batismo será aquele que, na Igreja, constituirá uma nova comunidade para Deus, surgindo a partir da Nova Aliança em Jesus Cristo. Estes indivíduos serão a pedra angular para a continuidade da missão da Igreja em ser luz para o mundo. “Como povo de Deus, a Igreja é, evidentemente, mistério e comunhão. É como povo de Deus que a Igreja se realiza em sua dimensão de mistério. É como povo de Deus que ela realiza sua mais profunda e verdadeira comunhão.” (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium*: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 38, 2013).

Este novo povo de Deus que é redescoberto no Concílio Vaticano II será o responsável por colocar em prática a missão de evangelização da Igreja, pois são eles os encarregados de

continuar sendo a presença ativa da Igreja para o mundo, colocando em ação o mandamento de Jesus Cristo de anunciar o seu Evangelho. “Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem.” (EG 114).

Assim, é responsabilidade crucial do povo de Deus manter a conexão da Igreja com a sociedade. Este povo, selecionado por Deus desde os primórdios da missão da Igreja, no dia de Pentecostes, quando Cristo optou por criar uma comunidade unificada dentro de Sua Igreja, é quem testemunhará a unidade da Igreja perante o mundo para uma renovação na evangelização com base no Vaticano II:

Do mesmo modo que Israel segundo carne, peregrino no deserto, é já chamado Igreja de Deus (Ne 13,1; cf. Nm 20,4; Dt 23,1ss), assim também o novo Israel do tempo atual, que anda em busca da cidade futura e permanente (cf. Hb 13,14), se chama Igreja de Cristo (cf. Mt 16,18), porque ele a conquistou com seu sangue (cf. At 20,28), a encheu do seu Espírito e a dotou com meios aptos para uma união visível e social. Deus convocou a assembleia dos que em Jesus veem, com fé, o autor da salvação e o princípio da unidade e da paz, com eles constituiu a Igreja, a fim de que ela seja, para todos e cada um, o sacramento visível desta unidade salvadora. (LG 9).

Dessa forma, aqueles que são escolhidos através do Batismo adquirem a atribuição de serem considerados o povo messiânico, que serão os eleitos na Nova Aliança de Cristo e são convidados a viver em total unidade, sendo a luz e o sal do mundo. “Constituído por Cristo numa comunhão de vida, de caridade e de verdade, é assumido por ele para ser instrumento da redenção universal, e como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16) é enviado ao mundo inteiro.” (LG 9). Assim, a Igreja, através da comunidade dos fiéis, permanecerá em constante ação missionária, testemunhando a ressurreição de Cristo a todos e se assemelhando a um pequeno rebanho, evidenciando a presença da Igreja em todas as partes do mundo:

Esta missão de toda a Igreja é levada a cabo por cada cristão segundo a sua posição nela, necessariamente diversificada, mas confluindo no mesmo fim. Ora, uma das características da noção de Povo de Deus é pôr em primeiro lugar a ontologia comum a todos os batizados como membro do Povo consagrado ao Senhor, e só depois se aborda a diversidade de mistérios, carisma e vocação (HACKMANN; AMARAL, 2015, p. 166-167).

A função da Igreja com base no Povo de Deus continuará sendo de grande importância na eclesiologia. Em outras palavras, a missão do Povo de Deus, chamado a desempenhá-la, será constantemente renovada pela Trindade, que nunca permitirá que essa missão fique estática:

Tanto o conceito de mistério quanto o de povo de Deus são decisivos para uma mudança eclesiológica, mas o segundo mais que o primeiro. Pois mistério já estava no esquema rejeitado, que se serviu das sugestões da *Mysticis Corporis* (Pio XII, 1943), enquanto povo de Deus foi fruto do esforço de reestruturação do novo esquema, em vista da mudança querida pelo Concílio, com um novo roteiro que colocasse tudo em questão (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium*: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 41, 2013).

A teologia sobre o Povo de Deus apresentado no Concílio Vaticano II renovará a eclesiologia da Igreja chamando a todos serem missionários de Cristo e fazendo com que todos levem a presença da Igreja de Jesus Cristo as nações que não conhecem o Evangelho “com a nova compreensão de eclesiologia pelo Concílio vaticano II: todos, pelo batismo, participam da experiência de morte e ressurreição de Cristo, marcados com um mesmo selo, chamados a formar um só povo entre os irmãos, na igualdade, como filhos de Deus.” (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 21, 2012).

Dessa maneira, os fiéis cristãos, conforme a *Lumen Gentium*, são reunidos dentro da Igreja e se tornam membros de uma comunidade eclesial em que todos são incentivados a viver em união e a professar publicamente sua fé em Cristo. “Os fiéis, incorporados na Igreja pelo batismo, recebem o caráter que os delega para o culto cristão, e, renascidos como filhos de Deus, são obrigados a professar diante dos homens a fé que pela Igreja receberam de Deus.” (LG 11). A igualdade de todos os cristãos pela dignidade do batismo que dão a todos o direito de serem o novo Povo de Deus que continuarão a missão da Igreja de difundir-se levar adiante a evangelização deixando para atrás a ideia de uma Igreja clericalista:

Com esta superação, em afirmar que todos são iguais, segundo o batismo, e que constituem um único corpo *de povo de Deus*, também é assegurada a condição do batizado como sujeito na Igreja, conforme os dons do Espírito Santo e ministérios particulares. Todo cristão é chamado a ser sujeito na Igreja, contrária é mentalidade que garantia tal condição somente ao clero, através da hierarquia: o clero mandava, o povo obedecia! Ao falar povo de Deus, a Igreja, pelo Concílio, quer afirmar que todo destino do povo é comum (chamado à santidade universal). (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 22, 2012).

Por esse motivo, todo o povo de Deus, desde o seu batismo, é convocado na Igreja a exercer o papel de proclamar o Reino de Deus na comunidade em que vivem, através de seu testemunho, e a servir ao próximo com os talentos concedidos pelo Espírito Santo. “Todos os

homens são chamados a formar o novo povo de Deus. Por isso, este povo permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo e todos os tempos.” (LG 13). Dessa forma, o Povo de Deus será o povo escolhido para dar continuidade ao redescobrimto da evangelização a partir do Concílio Vaticano II. Uma evangelização destinada para os afastados e para aqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo:

Assim, o único povo de Deus estende-se a todos os povos da terra, dentre os quais vai buscar os seus membros, cidadãos de um reino de natureza celeste e não terrena. De fato, todos os fiéis espalhados pelo mundo mantêm-se em comunhão com os demais no Espírito Santo e assim “aquele que reside em Roma sabe que os índios são membros seus”. (LG 13).

Assim, o Povo de Deus redescoberto no Vaticano II reinstaurará a missão de reunir todos os indivíduos na comunidade de Cristo, criando uma unidade na igreja e observando e transmitindo os ensinamentos de Cristo:

Portanto Povo de Deus constitui uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa. Aqueles que crêem em Cristo, renascido pelo Espírito Santo, constituem o povo de Deus. Este povo tem Cristo como cabeça, que morreu e ressuscitou; tem a liberdade e a dignidade de filhos de Deus; tem por lei um mandamento novo: amar a Cristo e o próximo; e tem como finalidade, o reino de Deus e a participação da dimensão profética de Cristo. Todos são chamados à salvação e ao testemunho. (TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 62, p. 23, 2012).

Dessa forma, o Povo de Deus vai resgatar do Concílio Vaticano II a essência do povo de Israel como povo escolhido, o qual se tornará um elemento imprescindível para perpetuar a missão da Igreja ao longo da história. “É assim que a Igreja simultaneamente ora e trabalha para que toda a humanidade se transforme em povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e em Cristo, cabeça de todos, se dê ao Pai e Criador de todas as coisas toda a honra e toda a glória (LG 17).” (FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 64, p. 46, 2013).

Com o Espírito Santo operando e se tornando o precursor da missão do Povo de Deus na formação de uma evangelização totalmente renovada pelo Concílio Vaticano II e cumprindo o mandamento missionaria da Igreja. “Este mandamento solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação, a Igreja recebeu-o dos apóstolos para lhe dar cumprimento até aos confins da terra (cf. At 1,8).” (LG 17). Por meio do batismo, a Igreja exerce o papel de convidar a todos a se

tornarem missionários e discípulos de Cristo, chamando cada indivíduo a manter um olhar constante sobre a Igreja em sua formação inicial:

Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41). (EG 120)

Portanto, o Concílio Vaticano II como um “novo Pentecostes” atribuirá à Igreja a missão de tornar o Povo de Deus sinais da missionariedade da Igreja para que todos conheçam o anúncio do Evangelho, cumprindo assim as palavras de Jesus Cristo no seu Evangelho, “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo não se pode esconder uma cidade situada sobre um Monte.” (Mt 5,13-14). Dessa forma, a Igreja se revela como aquela que ilumina e tempera a humanidade, com o propósito de unificar a todos como um povo dedicado a Deus, “Assim a Igreja reza e trabalha ao mesmo tempo para que o mundo inteiro se transforme em povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e para que em Cristo, cabeça de todos seja dada ao Pai e Criador do universo toda a honra e toda a glória.” (LG 17). No próximo capítulo iremos abordar como se deu o desdobramento do Concílio Vaticano II na Nova Evangelização na missão da Igreja.

### **III CAPÍTULO**

## **OS DESDOBRAMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II NA “NOVA EVANGELIZAÇÃO”.**

No seguinte capítulo, trataremos sobre o tema da “Nova Evangelização” na missão da Igreja, que partiu do Concílio Ecumênico Vaticano II.

No começo, vamos explorar a origem do conceito de “Nova Evangelização”, juntamente com os desdobramentos e o suporte obtidos por meio do Concílio Vaticano II. Além disso, analisaremos como a Igreja seguirá adiante com esse tema da “Nova Evangelização” na atualidade. E discutiremos a importância desse tema para a atualização e aplicação do Concílio Vaticano II em nosso tempo.

Assim, em um próximo momento, investigaremos como a “Nova Evangelização” tem ajudado a missão atual da Igreja e quais métodos têm sido empregados para realizar essa missão de acordo com a nova eclesiologia proposta pelo Vaticano II. Nesse ponto de vista, também discutiremos como a “Nova Evangelização” se manifestará no âmbito da missão da Igreja. Por último, discorreremos sobre os desafios da “Nova Evangelização” a partir do discípulo missionário que é chamado a continuar a missão de promover a nova forma de evangelização a partir do Vaticano II.

### **3.1 O conceito “Nova Evangelização”**

O conceito da “Nova Evangelização” será redescoberto durante o Concílio Vaticano II, através dos Papas que sucederam e irão dar continuidade a esse concílio. Assim, a Nova Evangelização representará uma renovação na missão da Igreja, atualizando e perpetuando a proclamação do Evangelho de Cristo para todos. De acordo com Steiner,

Poderíamos dizer que o caminho da Nova evangelização teve início com o Concílio Ecumênico Vaticano II. A seguir, Paulo VI expressou a necessidade de “rever os métodos, procurar, por todos os meios ao alcance, estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, somente na qual ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para o seu anseio de solidariedade humana”. Tendo diante dos olhos “o patrimônio da fé”, é dever da igreja “apresentar aos homens do nosso tempo (...) de maneira compreensível e persuasiva” o Evangelho. Impulsionado pelo Concílio, Paulo VI desejou acordar a Igreja para a sua missão primeira: evangelizar. (STEINER, Leonardo Ulrich. Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 67, p. 134-135, 2014).

Deste modo, o conceito de “Nova Evangelização” ganhará um destaque de maior pertinência no pontificado do Papa João Paulo II que dará uma ênfase de como será aplicada na Igreja esta nova forma de anúncio do Evangelho a partir da “Nova Evangelização” tendo como base sempre o Vaticano II. Assim,

O conceito de Nova Evangelização surgiu e se fixou a partir do pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005). A primeira vez que ele usou tal expressão foi durante uma homilia proferida no Santuário de Santa Cruz, no dia 9 de junho de 1979, por motivo de sua Viagem Apostólica à Polônia, ao fazer referência à chegada daqueles “homens novos para iniciar um novo trabalho”, que favoreceu o “nascimento da nova Igreja” em Nowa Huta, associado ao símbolo do erguimento da cruz que remete à primeira evangelização daquele lugar. (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 625).

O propósito da “Nova Evangelização” será o de reavivar e atualizar o Concílio Vaticano II, com o objetivo de propor uma resposta aos desafios enfrentados pela Igreja no âmbito do avanço da secularização. “Ao propor uma nova evangelização, João Paulo II afirmava que não “consiste num ‘novo evangelho’, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem.” ((STEINER, Leonardo Ulrich. Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos. Florianópolis-Sc: Encontros Teológicos, n. 67, p. 136, 2014). A “Nova Evangelização” não deve jamais ser confundida nem associada a um evangelho diferente. Em vez disso, representa para a Igreja uma nova abordagem encontrada para continuar a proclamação do Evangelho, tal como afirmado pelo Concílio Vaticano II, que preconiza o retorno às origens da Igreja primitiva. Na Conferência de Santo Domingo, João Paulo II já afirmou:

Nova evangelização não consiste num “novo evangelho”, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria “evangelho”, mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda obra humana. (SD 6).

A “Nova Evangelização” não será ocasionada pelos seres humanos; ao contrário, será uma inovação que emerge na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, sendo impulsionada pelo Espírito Santo. Assim como se deu no dia de Pentecostes. Dessa forma,

A novidade não afeta o conteúdo da mensagem evangélica que não muda, pois Cristo é “sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre”. Por isso, o Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa, que é Cristo. De fato, “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré Filho de Deus, não forem anunciados” (*Evangelii nuntiandi*, 22). Por isso, as cristologias redutivas, cujos desvios assinali em diversas ocasiões (cf. *Discurso inaugural da Conferência de Puebla*, 28 de janeiro de 1979, I,4), não podem aceitar-se como instrumentos da nova evangelização. (SD 7)

Nesse sentido, a novidade de uma “Nova Evangelização” para a missão da Igreja não cancela a primeira evangelização. Antes, a primeira evangelização será a fonte que servirá de base para a continuação do anúncio do Evangelho. É nesse sentido que a “Nova Evangelização” é uma nova forma de dar continuidade a primeira evangelização:

Hoje a fé simples da vossa gente sofre a investida da secularização, com o conseqüente enfraquecimento dos valores religiosos e morais. Nos ambientes urbanos cresce uma modalidade cultural que, confiando somente na ciência e nos adiantamentos da técnica, se apresenta como hostil à fé. Transmitem-se uns “modelos” de vida, em contraste com os valores do Evangelho. Sob a pressão do secularismo, chega-se a apresentar a fé como se fosse uma ameaça à liberdade e à autonomia do homem. (SD 11).

A partir dos novos cenários de secularizações que acabamos de ver na citação acima, o Documento da IV Conferência Do Episcopado Latino-Americano de São Domingo<sup>26</sup>, nos diz que o objetivo da “Nova Evangelização” é capacitar indivíduos e comunidades para que se tornem maduras na fé para que possam enfrentar os desafios impostos pelas transformações sociais e culturais causadas pela modernidade e é necessário considerar os fatores como urbanização, pobreza e marginalização e que estão marcados na realidade de todos que são caracterizada pelo materialismo que se tornou uma cultura da morte. Além disso, a “Nova Evangelização” também tem como público-alvo as classes médias, os grupos, as comunidades e os ambientes de trabalho, influenciados pela ciência, pela tecnologia e pelos meios de comunicação.

Assim, a “Nova Evangelização” convocará a todos a prosseguir com a proclamação do Evangelho nos novos contextos sociais, cada vez mais secularizados. Esses ambientes representarão um amplo campo de atuação para a “Nova Evangelização”, cuja missão será anunciar a mensagem positiva de Jesus, visando que a mensagem evangélica seja conhecida por todos:

A nova evangelização é, antes de tudo, assumida como ocasião para avaliar a fidelidade dos cristãos a este mandato recebido de Jesus Cristo: a nova evangelização é a ocasião propícia (Cf. 2Cor 6,2) para voltar, como cristãos e como comunidade, a abeirar-nos da fonte da nossa fé, e a estarmos assim mais disponíveis para a evangelização, para o testemunho. (DSB 20).

Com a ideia de uma renovação e aplicação missionário do Vaticano II, segundo o documento da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo Dos Bispos sobre a “Nova Evangelização”<sup>88</sup>, afirma que de acordo com a mensagem transmitida, a renovação espiritual é identificada como “Nova Evangelização”, marcando o ponto de partida para um movimento de conversão que é convocado pela própria Igreja, suas comunidades e todos os fiéis batizados. Assim, essa realidade não se limita apenas a áreas específicas, mas representa o caminho necessário para compreender e aplicar a herança apostólica nos dias de hoje. O referido documento também destaca que, por meio da “Nova Evangelização”, a Igreja busca inserir no contexto atual e nas discussões em curso a sua mensagem mais essencial e distintiva: ser o espaço onde a presença de Deus é experimentada, permitindo que, sob a orientação do Espírito do Ressuscitado, sejamos transformados pela dádiva da fé e que o Evangelho é sempre a nova proclamação da salvação trazida por Cristo, convidando a humanidade a participar do mistério divino e do seu amor, abrindo caminho para um futuro de esperança sólida e confiável. Destaca-se que, neste período da história, a Igreja é convocada a impulsionar uma “Nova Evangelização” e a atividade missionária, buscando cumprir plenamente a missão que lhe foi confiada pelo Senhor.

No impulso do encargo de Jesus Cristo que envia os Apóstolos para darem testemunha da Boa Nova do Reino a todos as nações, do ele envia sobre a sua Igreja o Espírito Santo que redescobrirá uma nova forma de atualizar o kerigma por meio da “Nova Evangelização”. “Nova evangelização significa dar razões da nossa fé, comunicando o *Logos* da esperança ao mundo que aspira à salvação. Os homens têm necessidade da esperança para poder viver o próprio presente.” (DSB 167).

A “Nova Evangelização” consiste em proclamar o Evangelho a todas as culturas, assegurando que a inculturação seja um resultado desse processo. Assim, na jornada da inculturação, testemunhar-se-á uma transformação semelhante àquela ocorrida nos primórdios da Igreja em relação ao anúncio do kerigma:

A Nova Evangelização continuará na linha da encarnação do Verbo. A Nova Evangelização exige a conversão pastoral da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o concílio. Ela diz respeito a tudo e a todos: na consciência e na

práxis pessoal e comunitária, nas relações de igualdade e de autoridade; com estruturas e dinamismo que tornem a Igreja presente com cada vez mais clareza, enquanto sinal eficaz, sacramento de salvação universal. (SD 30).

A “Nova Evangelização” vem trazer com uma urgência para a missão da Igreja uma maneira renovada de continuação da evangelização perante o mundo:

A expressão “nova evangelização” reclama a exigência de uma renovada modalidade de anúncio, sobretudo para aqueles que vivem num contexto, como o actual, em que os desenvolvimentos da secularização deixaram também traços substanciais em Países de tradição cristã. Assim entendida, a ideia de nova evangelização, na procura até agora em curso do seu significado, tem sido amadurecida dentro do contexto eclesial e implementada em formas também muito diferenciadas. Ela tem sido considerada acima de tudo como uma exigência, também como uma operação de discernimento e como um estímulo à Igreja de hoje. (DSB 44).

### **3.2 A “Nova Evangelização”: sua importância na missão da Igreja**

Com o intuito de anunciar o Evangelho por meio duas abordagens: a evangelização e o testemunho de fé, a “Nova Evangelização” irá desempenhar um papel de extrema relevância para a Igreja que buscará uma nova forma de disseminar os ensinamentos do Evangelho, procurando estabelecer comunidades eclesiais que vivam a sua fé de maneira genuína, fundamentada na Igreja, e que transmitam o testemunho do Evangelho. Além disso, a “Evangelização” procura realizar o mandato missionário de Jesus Cristo, de sempre atualizar o anúncio do Evangelho e colocar a Igreja sempre em estado permanente de missão:

O mandato missionário que a Igreja recebeu do Senhor ressuscitado (Cf. Mc 16,15) assumiu ao longo dos tempos formas e modalidades sempre novas, segundo os lugares, as situações e os momentos históricos. Nos nossos dias, o anúncio do Evangelho aparece muito mais complexo do que no passado, mas a tarefa confiada à Igreja permanece igual à dos primeiros tempos (DSB 41).

A missão da Igreja na “Nova Evangelização” encontra-se o caminho que indicará por onde ela deverá seguir, para que de fato aconteça a renovação do mandato missionário nos nossos tempos. Mas para que se realize a redescoberta da evangelização é preciso que ela siga os passos da Igreja nascente e dos primórdios da primeira evangelização. “E a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem o poder

deste mundo (cf. Lc 10, 4ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho.” (DAP 31).

Desta maneira, a Igreja terá sempre um olhar fixo nas suas origens do envio missionário para que todos sejam anunciadores de Jesus Cristo até os confins do mundo, deste modo ela confirma o seu mandato missionário a partir da “Nova Evangelização”:

A Igreja permanece no mundo para continuar a missão evangelizadora de Jesus, sabendo bem que, fazendo deste modo, continua a participar da condição divina porque enviada pelo Espírito Santo a anunciar o Evangelho ao mundo, revive em si mesma a presença de Cristo ressuscitado que a coloca em comunhão com Deus-Pai. A vida da Igreja, em qualquer acção que cumpra, nunca está fechada em si mesma; é sempre acção evangelizadora, e como tal, acção que manifesta o rosto trinitário do nosso Deus. Como está escrito nos Actos dos Apóstolos, também a vida mais íntima: a oração, a escuta da Palavra e o ensinamento dos Apóstolos, a caridade fraterna vivida, o pão partido (cf. At 2,42-46) adquire todo o seu sentido apenas quando se torna testemunho, provoca a admiração e a conversão, se faz pregação e anúncio do Evangelho, por parte de toda Igreja e de cada baptizado. (DSB 27).

Por conseguinte, a missão da Igreja com a “Nova Evangelização” buscará sempre continuar a missão do anúncio da Palavra de Deus com base nos Eleitos por Deus da Sagrada Escritura, ou seja, uma Igreja itinerante que vai ao encontro das pessoas. Com isso a “Nova Evangelização” seguirá o mesmo caminho da Igreja primitiva que sempre foi uma Igreja em saída:

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: «Vai; Eu te envio» (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar» (Jr 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. (EG 20).

De acordo com a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, no número 24, nos é dito que “a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que lideram, se envolvem, acompanham, frutificam e festejam”. Assim, é expressa a necessidade de uma igreja engajada, que está inserida na vivência da fé de seus fiéis e, mais que isso, busca ir ao encontro dos que estão fora de seu cuidado. Segundo o documento, essa iniciativa não surge do vazio, mas se origina da experiência de uma comunidade que já conheceu o amor e a disposição de Deus.

A missão da “Nova Evangelização” será efetuada ao alcançar os afastados e os não-crentes. Isso se dá por meio de uma Igreja que se encontra constantemente em processo de evangelização. Em uma Igreja em constante movimento e que dará continuidade ao Concílio Vaticano II. “Continuado esta missão e explicitando através da história a missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo”. (AG 5).

Portanto, a Igreja cumprirá no mundo o seu papel de peregrinação e que ocorre por meio do Espírito Santo que sempre está renovando o aspecto missionário da Igreja. “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo.” (AG 2).

### **3.3 Os missionários na Nova Evangelização**

A “Nova Evangelização” é um fruto do Concílio Vaticano II, como já vimos anteriormente, ela traz a prática da urgência de uma evangelização voltada para os batizados que deixaram a vida cristã, e principalmente para os não batizados “o número daqueles que ignoram Cristo e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, deste o final do Concílio. A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o seu Filho, é evidente a urgência da missão.” (Rm 3).

Com base no Concílio Vaticano II, a “Nova Evangelização” traz à Igreja a necessidade de uma missão contínua, que convoca todos os batizados a desempenhar o papel de missionário e a testemunhar genuinamente o Evangelho em ambientes descristianizado:

Trata-se, portanto, de suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte consciência missionária, sem os qual os discípulos missionários não contribuirão efetivamente para o novo que haverá de surgir na história. A atual consciência missionária interpela o discípulo missionário a “sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo” estamos num tempo de urgente saída “em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não tem a última palavra” um tempo de esquecer o que ficou para trás e correr em busca d’Aquele que nos alcançou (cf. Fl 3,12-14), um tempo que levar a uma forte comoção missionaria. (DGAE, 2011, 31).

Por essa razão, o Espírito Santo é aquele que desperta na Igreja uma nova maneira de pôr em prática a urgência da evangelização, aplicando o Vaticano II na missão da Igreja que se

inicia a partir do discípulo missionário, que será o responsável por difundir a “Nova Evangelização” dar continuidade da presença da Igreja como luz, fermento e sal para o mundo:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização. (AG 12).

O discípulo missionário é chamado a partir do seu encontro pessoal com Jesus Cristo. Logo, o chamado do discípulo missionário acontece da mesma forma de como aconteceu no início da Igreja, com a eleição dos Apóstolos, que cada um teve um encontro pessoal com Jesus Cristo somente depois que começaram anunciar a Palavra de Deus. Assim também acontece com cada discípulo missionário na “Nova Evangelização”:

Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: “Encontramos o Messias” (Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus “devido às palavras da mulher” (Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, “começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus” (At 9, 20). (EG 120).

O discípulo missionário tem como missão reconhecer a mudança de época que ocorre no mundo, com este reconhecimento, eles serão enviados pela Igreja darem uma resposta aos problemas causados por essas mudanças. “Olhar, portanto, para mudança de época e para necessário (re)enraizamento de critérios, longe de significar o afastamento dos problemas concretos e urgentes da vida de nosso povo, significa buscar uma base realmente sólida para enfrentá-los.” (DGAE, 2011, 27).

Por conseguinte, o discípulo missionário é designado para a missão de anunciar a Boa Nova de Cristo e eles são convidados e configurarem Jesus Cristo. “O discípulo é alguém chamado por Jesus Cristo para com ele conviver, participar de sua Vida, unir-se à sua Pessoa e aderir à sua missão, colaborando com ela. Entrega, assim, sua liberdade a Jesus, Caminho, Verdade e Vida; assume “o estilo de vida do própria Jesus.”” (DGAE, 2008, 57). São eles

também que levam a comunhão da Igreja a todos os povos com um sinal da unidade. Deste modo, eles também são chamados na Igreja a viverem sempre ligados a uma comunidade eclesial que manterá a comunhão com a Igreja Universal. Somente assim que eles ensinarão e formarão comunidades que possam viverem seu batismo em uma completa comunhão com toda a Igreja e deixando de lado o individualismo e vivendo no amor e na unidade como filhos de Deus:

A vocação ao discípulo missionário é com-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discípulos sem comunhão. Diante da tentação muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela “nos dá uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão” isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa. (DAP 158).

Conforme o número 127 da *Evangelii Gaudium*, a tarefa dos discípulos missionários é difundir a mensagem do Evangelho às pessoas que encontram no seu caminho, tanto aquelas conhecidas quanto as desconhecidas. Trata-se de uma pregação informal que pode ocorrer durante uma conversa, ou quando um missionário visita um lar. Ser discípulo implica em ter a disposição constante de compartilhar o amor de Jesus com os outros, o que ocorre naturalmente em qualquer lugar: nas ruas, nas praças, no ambiente de trabalho, ao longo de um caminho.

Dessa forma, a “Nova Evangelização” por meio do discípulo missionário busca resgatar para a Igreja uma antiga maneira de proclamar a Palavra de Deus, seguindo o exemplo da Igreja primitiva que difundia o Evangelho de maneira pessoal, como já havia dito Paulo VI:

E é por isso que, ao lado da proclamação geral para todos do Evangelho, uma outra forma da sua transmissão, de pessoa a pessoa, continua a ser válida e importante. O mesmo Senhor a pôs em prática muitas vezes – por exemplo as conversas com Nicodemos, com Zaqueu, com a Samaritana, com Simão, o fariseu, e com outros, o atestam -- assim como os apóstolos. (EN, 46).

Com a recuperação do anúncio do Evangelho através do discípulo missionário a “Nova Evangelização” tem como principal foco a evangelização nos lugares que não existe mais o cristianismo. Ela é vista como uma inspiração do Espírito Santo dentro da Igreja, buscando a aplicação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II trazendo consigo a grande novidade do anúncio do Evangelho:

O anúncio do *querigma* convida a tomar consciência desse amor vivificador de Deus que nos é oferecido em Cristo morto e ressuscitado. Isso é o que por primeiro necessitamos anunciar também e escutar, porque a graça tem primado absoluto na vida cristã e em toda a atividade evangelizadora da Igreja: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10). (DAP 348).

Dessa forma, a “Nova Evangelização” representa o percurso que o Espírito Santo optou para que se concretize no Concílio Vaticano II: um “novo Pentecostes”. É por meio da “Nova Evangelização” que será encontrada a solução para a aplicação do Vaticano II na missão de proclamar o Evangelho de Jesus Cristo diante de toda a secularização, descristianização e crise de fé. E todo esse processo só se concretizará por intermédio do discípulo missionário, que formará uma comunidade de indivíduos que vivem no amor de Jesus ressuscitado, seguindo o exemplo das comunidades cristãs dos primeiros séculos da Igreja:

São tempos propícios para volta às fontes e busca dos aspectos centrais da fé. Esta é a grande diretriz evangelizadora que, neste início de século XXI, acompanha a Igreja: não colocar outro fundamento que não seja Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13,8). A espiritualidade, a vivência da fé e do compromisso de conversão e transformação nos orientam para a construção da caridade, da justiça, da paz, a partir das pessoas e dos ambientes onde há divisão, desafetos, disputas pelo poder ou por posições sociais. Este é um tempo em que, através de “novo ardor, novos métodos e nova expressão” respondamos missionariamente à mudança de época com o recomeçar a partir de Jesus Cristo. (DGAE, 2011, 24).

Para finalizar este capítulo, podemos afirmar que a Nova Evangelização é fundamental para que a Igreja possa revitalizar a evangelização no mundo, respondendo às questões da secularização que atualmente afetam a Igreja. É através dela que as diretrizes do Concílio Vaticano II serão efetivadas fazendo que todos o povo de Deus possam viver seu batismo de maneira séria. E permitindo que o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo alcance a todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento e a pesquisa do tema permitiram analisar o acontecimento do Concílio Vaticano II como um “novo Pentecostes”, os desdobramentos para “Nova Evangelização”, e o marco definitiva que deixou na História da Igreja. Durante esta investigação, observamos que a Igreja enfrentava desafios significativos em sua missão de evangelização e, portanto, clamava por ação missionária.

Após cinquenta dias da ressurreição de Cristo, os apóstolos receberam os frutos do Espírito Santo, dando início à missão universal da Igreja de proclamar o Evangelho a todos. Assim, a Igreja nascente reconheceu que esse sopro é essencial para manter a vitalidade e o dom do Espírito Santo que capacitam os que são chamados a viver em constante missão. O Pentecostes tornou-se um modelo para a renovação contínua da missão da Igreja diante do mundo.

Portanto, desde seus primórdios na tradição judaica, a Festa de Pentecostes é considerada uma antecipação de uma colheita que se concretizou com a vinda do Espírito Santo a todos que são batizados na Igreja.

É por meio de Jesus Cristo que a Festa de Shavuot ganha pleno significado, pois é nele que se realiza o propósito de Pentecostes, tanto em seu aspecto agrícola quanto religioso. Dessa forma, é através de Cristo que as pessoas podem conhecer a face de Deus e permitir que o fruto de Pentecostes, que é o Espírito Santo, habite nelas.

Assim ocorreu com a Igreja no Concílio Vaticano II, que foi como um “novo Pentecostes”, trazendo uma renovação para a comunidade eclesial. Isso se deu porque o Espírito Santo, por meio de sua ação, fez a Igreja resgatar e recuperar a proclamação do Kerigma, seguindo o modelo da Igreja primitiva, que tinha a importante tarefa de difundir a Palavra de Deus por todo o mundo.

O Concílio Vaticano II proporcionou à Igreja um novo resultado, chamado de “nova Evangelização”, como um “novo Pentecostes” gerado pelo Espírito Santo na Igreja. O fruto do Concílio Vaticano II irá atender à missão da Igreja de evangelizar, levando a mensagem aos locais onde a secularização e a descristianização estão cada vez mais presentes na vida do homem moderno.

Conclui-se que a pesquisa encontrou com os novos documentos da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, uma nova maneira de possibilitar e incentivar a Evangelização no mundo atual, que enfrenta hoje a secularização. Nesse sentido, os documentos retratam como deve ser

esse novo jeito de levar o cristianismo em que a fé em Jesus Cristo já não tem mais sentido na vida do homem, que por meio da tecnologia, não busca responder questões existenciais, mas procura incessantemente as soluções no progresso científico. Assim, diante do supracitado, é evidente a importância desse Concílio, suscitado pelo Espírito Santo para a Igreja atual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Nova Evangelização Para A Transmissão da Fé Cristã*. Disponível em: <file:///E:/documento%20sobre%20a%20Nova%20Ev.pdf>. Acesso em: 02 Fev.2024.
- ARAUJO, Gilvan Leite de. *A Festa de Shavuot – Pentecostes*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25503/25503.PDF>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- AVRIL, Anne-Catherine; DE LA MAISONNEUVE, Dominique. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997
- BENTO XVI, Papa. *Encontro com os Párocos e o clero de Roma*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130214\\_clero-roma.htm](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130214_clero-roma.htm) . Acesso em 22 Mar.2024
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BONDAN, Fernando José. (trad). *Lecionário Patristico Dominical*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- Conclusões de Santo Domingos: IV Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. Brasília: CNBB, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011.
- COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do povo de Deus: as festas judaicas e o cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e Liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- DI SANTE, Carmine. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.
- Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FELLER, Vitor Galdino. *Lumen Gentium: pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II*. Disponível em: [lepidus,+Encontros+Teologicos+64.compressed.29-50.pdf](#). Acesso em: 09 jan. 2024.

HACHMANN, Geraldo Luiz Borges; AMARAL, Miguel de Salis (orgs.). *As Constituições do Vaticano II - ontem e hoje*. Brasília: CNBB, 2015.

IRENEU DE LIÃO: *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1997

KEHL, Medard. *A Igreja uma Eclesiologia Católica*. São Paulo: Loyola, 1997.

KLOPPENBUG, Frei Boaventura; VIER, Frei Frederico (org.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições decretos declarações*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1993.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 12 ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

SOUZA, Ney de. *História da Igreja: notas introdutórias*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2020.

STEINER, Leonardo Ulrich. *Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos*. Disponível em: [file:///E:/nova%20evangelizacao%2002.pdf](#). Acesso em: 31 Jan. 2024.

TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo*. Disponível em: [4357-Texto do artigo-10166-1-10-20101201.pdf](#). Acesso em: 10 Jan 2024.

VALASCO, Rufino. *A igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VOLTAGGIO, Francesco Giosué, *Las Fiestas Judías y el Mesías*. Madrid: BAC, 2020.